

K A T C H O

Era  
uma Vez  
Meu K-idol

Quem precisa ser  
a rainha do baile  
quando seu par é a  
realeza do K-pop?

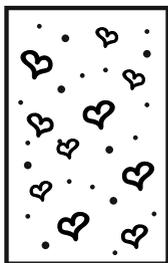
Tradução de *Nathalia Marques*



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024



# Um

**Quando a maioria** das pessoas pensa em baile de formatura, provavelmente imagina vestidos, limusines e danças que duram a noite inteira com o par dos seus sonhos. Quando eu penso em baile de formatura, imagino pés doloridos, decorações superfaturadas e expectativas irrealistas.

Obviamente, eu fazia parte da minoria. Como foi provado pela longa fila de veteranos dispostos a passar todo o horário de almoço enfileirados para comprar ingressos para o baile.

Era o terceiro dia de venda de ingressos, o que significava que também era o terceiro dia da chamada “iniciativa alternativa ao baile” do Clube da Conscientização.

Não estava... sendo um grande sucesso.

Tudo bem, tudo bem, estava sendo um fracasso total.

Montamos uma barraca onde os alunos poderiam doar seu troco para o Centro Comunitário de West Pinebrook depois de comprar os ingressos.

– Mais alguma doação? – perguntei, inclinando-me sobre a mesa.

Max Cohen balançou a cabeça.

– Sinto muito, Elena.

Olhei para o frasco. Estava quase vazio. A nota de um dólar que eu tinha colocado lá ainda era a única contribuição. Pensei que talvez já ter algum dinheiro ali nos fizesse parecer menos patéticos, mas, de alguma forma, aquilo parecia ainda mais triste.

Olhei para minha planilha cuidadosamente escrita. Eu a fizera para prever potenciais doações. Estávamos muito atrás do que havia projetado. Mas acho que falhei ao não levar em conta a apatia adolescente.

– Alguém pegou um panfleto? – Olhei para a pilha suspeitamente cheia.

— Para isso, teriam que parar de evitar nossa mesa como se tivéssemos algum tipo de doença contagiosa. — Minha melhor amiga, Josie Flores, revirou os olhos.

Passei dias escrevendo aqueles panfletos, inclusive adicionando fotos das crianças do centro comunitário na festa de fim de ano anterior e o link do site de arrecadação de fundos para doações online. Os panfletos explicavam que não estávamos dizendo às pessoas para *não* irem ao baile, mas para repensarem como estavam gastando seu dinheiro no evento.

Foi por isso que Josie cunhou o termo “iniciativa alternativa ao baile”. Não ajudou muito, no entanto. Todos pensavam que estávamos protestando abertamente contra o baile de formatura.

— Vamos lá, El, se eles não pegam os panfletos, vamos simplesmente distribuí-los — disse Josie, saindo de trás da mesa.

Ela era magra como um palito, com pele morena e macia, um rosto bem estreito e cabelos escuros que emolduravam sua face com cachos. Era tudo o que eu desejava ser quando pequena, em vez de ter o meu rosto coreano redondo, pernas curtas e cabelos pretos liso-escorridos.

— Eu ajudo! — Max deu um pulo.

— Não, você guarda a mesa e o... dólar — disse Josie, olhando para o frasco desolador.

Dei de ombros, compadecida por ele ficar preso com o dever de cuidar da mesa novamente. Mas Max se sentou de volta obedientemente. Ele faria qualquer coisa por Josie.

Desde o segundo ano, estava sempre admirando-a por trás de seus óculos de aro de metal. Estranhamente, esse tipo de armação caía bem nele, conferindo-lhe um ar elegante de “garoto nerd branco”. Seu cabelo cacheado costumava ser curto no ensino fundamental, mas ele o deixou crescer, e agora os fios caíam nos olhos. Era fofo de um jeito bem Shawn Mendes.

Josie começou a percorrer a fila, distribuindo panfletos, certificando-se, antes de seguir em frente, de que cada pessoa pelo menos os abrisse. Ela não parecia se importar com os olhares irritados ou com os comentários rudes que recebia. Eu gostaria de conseguir ser confiante assim, de não me importar com o que todos pensam de mim.

— Eles estão a um passo de perder o financiamento — falei com um grupo de alunos do primeiro ano a quem eu tinha acabado de entregar panfletos. Nenhum deles os havia aberto. Então, peguei um, que abri eu mesma na parte com uma lista de maneiras de economizar no baile de formatura. — Em vez de gastar centenas de dólares em limusines,

vestidos e ternos, vocês podem simplesmente usar um terno velho ou um vestido alugado e dirigir por conta. E então doar o que economizaram para o centro.

— Ei, você é a irmã de Ethan Soo, não é? — Um deles semicerrou os olhos para mim como se estivesse tentando enxergar a semelhança familiar.

Suspirei. Era comum que as pessoas se lembrassem do meu irmão antes de se recordarem de algo tão detestável quanto meu nome de verdade. Afinal, ele era o gêmeo popular. E nunca fez nada tão irritante quanto pedir às pessoas que doassem o dinheiro do baile.

— Sou Elena — murmurei. — Então, de volta ao centro comunitário, se vocês não tiverem dinheiro extra agora, tem um site para doações que também podem acessar.

Todos eles apenas me olharam antes de voltar à sua conversa sobre algum novo filme que havia acabado de ser lançado. Essas pessoas não tinham coração? Não viram as adoráveis crianças lhes sorrindo no panfleto?

— Perdão. — Tentei chamar a atenção deles novamente, mas fui ignorada.

— El, você precisa parar de se desculpar o tempo todo — disse Josie, aproximando-se. Ela estava em seus últimos panfletos, e me senti culpada por ainda ter uma pilha cheia nas mãos.

— Não consigo evitar. — Fiz uma careta, porque ela estava certa. Pedir desculpas constantemente, sempre que eu sentia algum indício de que alguém estava desconfortável perto de mim, era uma reação instintiva da minha parte.

— Não acho que isso tá dando certo — disse Josie, franzindo o cenho para a fila de alunos que faziam o possível para nos ignorar. — Acho que vamos ter que usar métodos mais radicais.

— Bem, a menos que você queira dar uma de Robin Hood, acho que panfletos e protestos são tudo o que temos agora. — Suspirei.

— Tenho uma coisa para ajudar nossa causa — disse Josie, dirigindo-se à saída.

— Desde que não faça bagunça! — gritei atrás dela, mas não tinha certeza se ela havia me ouvido ao sair do refeitório.

Enquanto eu esperava que Josie voltasse, a fila andou, e uma garota esbarrou em mim com a mochila ao se virar para falar com uma amiga.

— Por que você não encontra outro lugar para ficar? — perguntou ela, bufando de aborrecimento.

— Sinto muito — murmurei antes de conseguir me conter.

— Você viu os panfletos esquisitos dela? — disse a amiga da garota, sem se importar que eu ainda estivesse bem ali. — Imagine passar o tempo inteiro tentando arruinar o baile de formatura.

Suspirei e dei um passo para trás, afastando-me da fila e dos olhares irritados. Eu não estava tentando arruinar o baile. Só sabia que ele não era tão especial quanto todos acreditavam. Vi cada uma das minhas três irmãs mais velhas se empolgarem para o evento, apenas para voltarem para casa, no final da noite, decepcionadas de alguma forma. Esse tipo de experiência muda seu jeito de encarar as coisas, mesmo que eu só tivesse 10 anos.

Fiquei encostada em uma mesa de almoço enquanto esperava Josie voltar. Estava cheia de alunas do primeiro ano suspirando por causa de um MV que assistiam em um dos celulares. Eu mal conseguia ouvir a música por causa do alto volume de vozes que tomava conta do refeitório, mas reconheci o grupo: WDB.

O WDB conseguira algo que nenhum outro grupo de K-pop, em mais de uma década, havia conseguido: conquistou os corações de adolescentes de todo o mundo e, de alguma forma, tornou-se o primeiro grupo coreano a ganhar um MTV Video Music Award e um American Music Award, sendo impulsionado para outras premiações e até se apresentando no programa *SNL*. Foi tudo tão impressionante, mas houve uma camada extra de surrealismo para mim quando o rosto do *main rapper*, Robbie Choi, enfeitou a tela. Era um rosto que eu conhecia bem, embora tivesse perdido toda a gordura infantil que preenchia suas bochechas quando tínhamos 10 anos. Fomos melhores amigos. Eu sabia coisas sobre ele que não estavam escritas em seu perfil oficial.

Eu sabia como ele tinha conseguido aquela pequena cicatriz na sobrancelha. (Ele caiu de um guarda-roupa e bateu na quina de uma mesa de centro durante um jogo épico de esconde-esconde.)

Eu sabia que, embora fosse famoso agora por causa de seus cachos exuberantes, que já foram tingidos de todas as cores do arco-íris durante sua carreira, uma vez, ele me deixou raspar uma mecha, porque queríamos ver se era possível escrever o nome dele no seu cabelo. (Spoiler: não era. E sim, entramos em uma encrenca épica com nossos pais depois dessa proeza.)

Agora, havia garotas se jogando nele e dando risadinhas sempre que seu rosto aparecia na tela.

Mas Robbie era outra razão para eu saber que o baile seria uma decepção para mim. Eu, assim como todo mundo, já ansiei por uma noite de formatura mágica, repleta de danças lentas e fotografias com poses perfeitas. Mas sempre imaginei isso com uma pessoa específica. E, como

ela não estava mais neste país, muito menos nesta cidade... por que me dar ao trabalho? Quando se sabe que algo não vai dar certo, é melhor simplesmente seguir em frente.

— Robbie é o meu *bias*! — declarou uma das garotas, e eu quase tive vontade de contar a ela sobre aquela vez em que Robbie caiu na lama durante nossa viagem da terceira série. Precisei andar atrás dele o resto do dia para que ninguém pensasse que ele tinha feito cocô nas calças.

Ou talvez eu explicasse a ela que Robbie se esqueceu de todos os velhos amigos quando ficou famoso...

— JD é o meu *bias*. Ele é tão... misterioso.

Observei o outro membro do WDB dar uma piscadela maliciosa. Eu nunca conheci JD, embora ele fosse o primo mais velho de Robbie. Tive que admitir que era uma música bem chiclete. E talvez eu tenha me pegado baixando alguns *singles* do WDB. Mas ainda era tão estranho pensar no meu melhor amigo de infância como um galã arrasa-corações.

Comecei a me lembrar da última vez em que vi Robbie. Tínhamos 10 anos e estávamos parados na frente da casa vazia dele. Todas as suas coisas já haviam sido enviadas para Seul antes de sua família ir. Eu já tive amigos que se mudaram antes. Becca Kuss foi para Ohio na primeira série. Emily B. se mudou para a cidade vizinha ano passado. Mas Robbie era meu melhor amigo, e ele não estava se mudando para uma cidade a alguns quilômetros de distância. Estava se mudando para o outro lado do mundo. Nós nos abraçamos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. O nariz de Robbie estava vermelho como um tomate. Eu lhe disse isso, e ele respondeu que o meu me fazia parecer com Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho. E então nos abraçamos novamente.

— Vou te enviar e-mail todos os dias — prometi.

— Vou te mandar mensagem todos os dias — disse Robbie. — Você baixou o KakaoTalk, né?

Assenti. Eu nunca tinha usado o aplicativo de mensagens coreano antes, mas Robbie disse que funcionava em todo o mundo, então não importava aonde fôssemos, ainda poderíamos conversar.

— E eu vou voltar quando a gente estiver no ensino médio pra irmos ao baile juntos — disse ele com um sorriso largo. — E vamos tirar fotos que nem as de Sarah com aquelas pulseiras de flores idiotas.

— Chama *corsage* — falei. — E só meninas usam.

— Quem disse? — Robbie fez beicinho.

Eu ri:

— Não sei. Tudo bem, vamos usar *corsages* combinando.

— Mas eu quero que a minha seja feita de Lego — disse Robbie.

– Então eu quero que a minha seja feita de borboletas.

– Ai, credo! De insetos mortos!?

– O quê? – gritei, horrorizada. – Não! De borboletas falsas!

– Nem. Você quer usar insetos mortos. Você é uma usuária de insetos mortos! – zombou Robbie e, apesar de nossas lágrimas e de nossa separação iminente, ele me fez rir. Eu saí correndo atrás dele, perseguindo-o pelo quintal até que sua mãe o chamou para entrar no carro.

– Eu te vejo no baile – disse antes de fechar a porta.

Fiquei olhando Robbie ir embora até não conseguir mais vê-lo.

E, nos sete anos desde então, ele se tornou parte do maior grupo masculino de K-pop de todos os tempos, e eu não iria nem morta ao baile.

– Aqui está! – cantarolou Josie quando retornou, trazendo-me de volta à realidade. Ela ergueu um megafone.

– O que eu deveria fazer com isso? – perguntei. – E por que você tinha um megafone no armário?

– Foi do nosso comício para salvar as baleias – disse ela. E então tive flashbacks horríveis de Josie vestida de baleia, marchando pelo pátio com seu megafone. – Usa para instigar a multidão. – Ela me estendeu o objeto. – Faz um discurso. Empolgue as pessoas.

– Não sou muito boa em falar em público. – Cruzei as mãos atrás das costas. Na verdade, precisei sair do clube de debate, porque não conseguia ficar na frente dos doze outros estudantes e defender meu ponto de vista sem ficar vermelha.

– El, eu vivo te dizendo que você não pode ser uma boa ativista a menos que supere seu medo de falar em público – disse Josie. Eu não tinha coragem de lhe dizer que não achava que o ativismo realmente faria parte do meu futuro. A essa altura, eu só continuava no clube por ela. “Vamos lá – Josie me arrastou de volta à mesa de ingressos do baile.”

Caroline Anderson e Felicity Fitzgerald estavam sentadas lá, recebendo o dinheiro pelos elegantes ingressos em alto-relevo. As duas eram lindas líderes de torcida brancas, com o tipo de aparência perfeita que só se via em programas de televisão e em filmes adolescentes. Naquele momento, ambas usavam seus uniformes de líderes de torcida, embora não fosse dia de jogo. Acho que elas pensaram que o espírito escolar fluiria deles para os compradores que estavam gastando incríveis sessenta dólares por ingresso.

– Elena, fala a verdade – disse Caroline, apoiando o queixo nas mãos. – Você odeia o baile porque sabe que ninguém te convidaria.

Congelei, minha boca se abrindo.

– O quê? Não, eu não me importo com essas coisas.

— Ah, qual é, Elena. Você ficou com inveja quando arrumei meu primeiro namorado na sétima série — intrometeu-se Felicity.

— É mesmo? — perguntou Caroline, seus olhos aguçados brilhando de alegria.

— Sim, ela ficou de cara feia a semana inteira e, em protesto, não foi nem à minha festa de aniversário. — Felicity deu uma risada.

Eu estava doente naquele fim de semana, e minha mãe não me deixou ir à festa. Mas eu sabia que, se dissesse isso agora, soaria como uma desculpa vazia e apenas jogaria mais lenha na fogueira de Felicity e Caroline.

Felicity e eu já tínhamos sido próximas. Depois que Robbie foi embora, eu não tinha ninguém com quem andar na escola e, no ensino médio, orbitei em torno de Felicity e de sua pequena gangue de garotas até que a minha decisão de não me tornar líder de torcida na nona série me tornou digna de ser excluída. Ainda me lembro do dia seguinte ao teste para líderes de torcida, quando, no refeitório, Felicity deu uma de Gretchen Wieners, de *Meninas Malvadas*, gritando:

— Você não pode sentar com a gente! — Só que com menos rosa.

Josie cutucou meu ombro.

— Vamos, El. Não deixa que elas te afetem.

Josie puxou uma cadeira e subiu nela, gritando no megafone:

— Atenção! Temos um anúncio a fazer.

Ela desceu e empurrou o megafone para mim.

— Não consigo subir — sussurrei, tentando afastá-lo.

— Basta pensar no centro comunitário. Fala com o seu coração.

— É o anúncio de que você finalmente percebeu o quão patético é o seu protesto idiota? — gritou Caroline, e Felicity riu.

Isso me lembrou daquele almoço em que Felicity terminou a amizade comigo na frente de todo o refeitório. O que me irritou o suficiente para me fazer subir na cadeira e pegar o megafone.

Mas quando olhei para todos aqueles rostos me encarando, minha boca ficou tão seca que não consegui produzir nenhum som. Senti como se estivesse suando, mas, quando passei a mão na minha testa, ela saiu seca. Olhei para Josie, que fez um sinal de positivo com a mão, então apertei o botão. Limpei a garganta, e um som agudo de retorno me fez estremecer. Mas pelo menos chamou a atenção do refeitório. Todos os olhos estavam em mim agora. Ótimo. Respirei fundo e lembrei-me do conselho de Josie: *fala com o seu coração*.

— Hum, olá — murmurei, e o megafone guinchou novamente. — Sinto muito.

Josie beliscou minha perna e murmurou: *não se desculpa*.  
Balancei a cabeça e limpei minha garganta mais uma vez.  
*Lembre-se do centro comunitário.*

— Hum, então, estou aqui para falar sobre um lugar que significa muito para mim. — Olhei com nervosismo para Josie, e ela murmurou de novo: *com o seu coração*. — E... e que também significa muito para toda esta comunidade. — Alguns dos alunos do primeiro ano das mesas mais próximas a mim estavam assistindo sem rir ou zombar, então, pelo menos, eu tinha a atenção deles. Com o coração acelerado, continuei. — Não sei se alguém aqui lembra como era o West Side quando éramos crianças. Mas, há menos de dez anos, não tinha muita coisa lá. Apenas a velha fábrica fechada e nem mesmo parques.

Alguns garotos assentiram. A Escola Secundária Pinebrook atendia toda essa área, o que incluía estudantes do ensino médio vindos do West Side. Ver que minhas palavras tinham sido reconhecidas me deu uma energia extra para continuar, então as próximas saíram mais suaves.

— O Centro Comunitário de West Pinebrook reaproveitou a fábrica para criar um espaço seguro que os estudantes das escolas primárias e secundárias do West Side pudessem frequentar depois da aula. Dona Cora, sua administradora, diz que um prédio pode se tornar mais do que tijolos e janelas se estiver cheio de paixão e amor. Não vale a pena lutar por um lugar como esse? Vocês não tão cansados de os adultos dizerem que estamos definhando porque ficamos com o nariz enfiado no celular?

Eu vi Josie balançar a cabeça e notei que alguns dos alunos franziram a testa e se viraram. Porcaria, estavam se dispersando. As meninas que estavam assistindo ao vídeo do WDB pareciam extremamente irritadas. Comecei a atropelar as palavras enquanto tentava finalizar para poder me esconder.

— E-então, se vocês quiserem mostrar como nossa geração pode ser apaixonada, basta doar, para manter uma importante instituição de bairro funcionando, o que gostariam em vestidos ou limusines! — Fiz o possível para encarnar o espírito de Josie e levantei a outra mão no ar. — Juntos, podemos fazer a diferença!

Um silêncio denso se instaurou, até que Max tentou iniciar um aplauso lento, que soou triste e patético quando ninguém se juntou a ele. Josie soltou um grito entusiasmado, que ecoou por todo o refeitório. Mas, infelizmente, a maioria dos alunos retornou ao próprio almoço.

Caroline irrompeu raivosa de trás da mesa de ingressos, seu rabo de cavalo loiro balançando furiosamente.

— Isso só pode ser ilegal — reclamou ela. — Você não pode simplesmente ficar aqui gritando em nossos ouvidos durante todo o almoço.

Josie deu um passo à frente e cruzou os braços. As duas eram da mesma altura, então, caso houvesse uma luta, seria bem equilibrada. Exceto que, se eu fosse uma garota que costuma apostar, apostaria meu dinheiro em Josie.

— Sinto muito em te dizer isso, mas o regulamento da escola diz que os alunos podem fazer comícios, desde que não interrompam os períodos de aula ou usem linguagem vulgar — disse Josie, sem se abalar.

Felicity se juntou à sua amiga e revirou seus olhos castanhos para mim.

— Elena, se eu conseguir que meu pai doe mil dólares para o seu estúpido centro comunitário, isso vai calar sua boca?

Desci da cadeira.

— Claro — falei, e Felicity cruzou os braços, um sorriso de triunfo se espalhando por seu rosto, que era bonito demais para seu próprio bem.

— Pelo menos por enquanto. Qualquer quantia ajuda, Felicity. Mas isso não vai ser suficiente. Se você doar o que gastaria com unhas, cabelo, vestido, limusine, ingressos e jantar. Se fizer com que todos os seus amigos façam isso também. Pense em como isso iria longe. Você não gostaria de fazer algo de bom com a sua popularidade?

Felicity olhou para mim de nariz empinado e, por um segundo fugaz, pensei que ela pudesse estar pensando nisso. Então, um sorriso de escárnio se formou em seus lábios.

— Você tá delirando, Soo. Como você espera mudar a opinião de alguém sobre o baile de formatura quando nem seu irmão gêmeo tá te dando ouvidos? — Ela acenou com a cabeça por cima do meu ombro.

Eu me virei e vi Ethan na fila.

— Ethan — reclamei. Isso não era *nada* bom. Traída pelo próprio sangue.

Ethan e eu éramos a prova de que quaisquer teorias sobre a existência de uma conexão inata em gêmeos eram bobagens. Nós dois éramos extremos opostos. Ethan era carismático e fofo, o que era irritante, porque meus colegas de classe sempre tentavam obter de mim informações sobre ele. Enquanto eu era desajeitada e completamente esquecível, Ethan estava no time de lacrosse do colégio desde o primeiro ano e se sentava com o “pessoal popular” no pátio para almoçar. Normalmente eu almoçava com Josie na sala de jornalismo. E agora, pelo que parecia, Ethan e eu estávamos em lados opostos desse debate sobre o baile.

Ethan me dirigiu um sorriso amarelo:

– Foi mal, Gêmea, é só que, você sabe, os ingressos para o baile têm desconto na primeira semana de venda.

Normalmente, ouvi-lo me chamar de “gêmea” me fazia sorrir mesmo quando eu queria revirar os olhos. Mas, desta vez, senti apenas irritação.

– Você sabe o quanto o centro comunitário é importante para mim, Ethan.

– Eu sei, é só que... quero conseguir ingressos com desconto para o baile.

Ethan não entendia. Ele nunca se importava com nada que eu fazia. Enquanto eu me virava de volta, Caroline puxou o megafone da minha mão.

– Ei! – Tentei agarrá-lo, mas ela escapou com uma dancinha.

Caroline o levantou.

– Anúncio! Decidi dar uma festa pré-baile na minha casa. Por que limitar a diversão a apenas uma noite? Mas, para ser convidado, você precisa ter um ingresso para o baile!

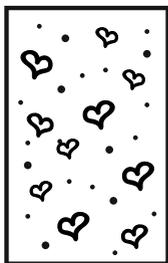
Houve uma comemoração geral, e os garotos da fila se empurraram para frente, como se, de repente, os ingressos fossem uma mercadoria limitada.

Era como aquela cena de *O Rei Leão*, quando Simba está olhando com os olhos arregalados para os gnus em debandada. Exceto que não havia nenhum Mufasa para me salvar enquanto eu tentava sair do caminho da multidão crescente.

Claro, com minha sorte terrível, esqueci da cadeira atrás de mim. E, em vez de correr para um lugar seguro, senti meus pés se emaranharem nas pernas de metal. Ouvi Josie gritar meu nome enquanto eu tentava manter o equilíbrio, mas a cadeira venceu a batalha, e caí de costas, meus braços girando como em um desenho animado ao mesmo tempo em que eu tentava me equilibrar. Acabei esparramada no chão pegajoso.

Minhas mãos, que eu havia jogado para trás para tentar me segurar, ficaram cobertas por algum tipo de substância pegajosa, e meu quadril latejava por ter batido na beirada de uma mesa enquanto caía. Observei os estudantes pisotear meus panfletos, amassando-os e se aglomerando em torno de uma triunfante Caroline.





## Dois

***Nas quartas-feiras***, eu ia ao centro comunitário depois da escola. Normalmente, ficava animada para ver as crianças. Mas, hoje, o fracasso pesava sobre meus ombros.

Enquanto caminhava para o estacionamento, vi Ethan e seus amigos perambulando pelo pátio antes do treino de lacrosse. Eles estavam rindo, rasgando pedaços de papel e jogando-os no ar como confete. Se Josie estivesse aqui, daria um sermão neles sobre jogar lixo no chão. Da última vez que ela tentou falar com o grupo sobre o programa de reciclagem, eles a encararam como se ela estivesse falando francês, e então Tim Breslow jogou propositalmente sua garrafa de Coca-Cola em uma lata de lixo próxima.

A questão era que, embora eu definitivamente acreditasse na luta do Clube da Conscientização (que envolvia praticamente qualquer causa ambiental ou de justiça social), ele era muito mais a praia de Josie. Eu não era corajosa ou ousada o suficiente para convencer alguém a lutar pela mudança sem minha melhor amiga. Eu simplesmente não tinha o necessário para confrontar ninguém sozinha, mesmo sobre algo tão pequeno quanto jogar lixo no chão. Então, comecei a dar uma grande volta, com a intenção de passar longe do grupo.

Uma brisa levantou alguns pedaços de papel, que vieram girando em minha direção. Pude praticamente ouvir a voz de Josie me repreendendo. Então, abaixei-me para pegá-los. E congelei quando vi um sorriso familiar, os contornos de seu rosto rasgados em linhas irregulares. Era uma das crianças do centro comunitário. A que eu tinha imprimido nos meus panfletos.

Eles estavam rasgando-os! Eu não poderia simplesmente deixar isso para lá, certo? Precisava dizer algo, meu orgulho exigia isso. Mas quando comecei a andar em direção a eles, ouvi a risada de Ethan. Estava rindo dos meus panfletos? Não estava nem mesmo mandando seus amigos

pararem de desfigurá-los. Estava apenas sentado lá se divertindo enquanto eles faziam isso.

Furiosa, passei direto. As risadas diminuíram quando eles me avistaram. Nem olhei para trás. Não queria ver o olhar presunçoso no rosto de Ethan enquanto ele zombava de algo que eu amava.

Nem deveria estar surpresa. Ethan nunca me escolheu em vez dos amigos. Eu tinha parado de esperar que ele o fizesse.

Quando cheguei ao lado oeste da cidade, minha raiva havia se transformado em uma leve dor de cabeça. Era inútil me estressar com Ethan. Não era como se ele fosse mudar, e meus pais nunca ficariam do meu lado se eu reclamasse. Então, apenas respirei fundo dez vezes, como sempre fazia, e me convenci de que era mais fácil deixar para lá.

A entrada lateral do centro comunitário levava a salas onde, às vezes, havia aulas. Mas agora estavam cheias de crianças que brincavam enquanto fingiam fazer o dever de casa. Cada sala tinha um tema, como a Ladybug, que atualmente estava ocupada com cinco garotos da quinta série que discutiam sobre quem seria o DM em sua partida de D&D. Reconheci o fichário gigante que escrevi pessoalmente para o jogo.

Um dos meninos olhou para cima e me viu:

— Ei! A Elena tá aqui. Ela pode ser o DM.

Não vou mentir, a recepção calorosa aqueceu meu coração. Todas as crianças do centro me conheciam pelo nome. Aqui, eu não era “a irmã de Ethan” ou “Filha Número Cinco dos Soo”.

— Claro — falei, mas lembrei que tinha uma tarefa para realizar primeiro. — Vão escolhendo seus personagens que eu já volto. Preciso falar com Dona Cora.

Todos assentiram, acomodando-se juntos alegremente. Eu tinha muito orgulho do clube de D&D que criei no centro comunitário. A princípio, fiquei preocupada que as crianças o considerassem uma coisa de nerds perdedores. Mas um grupo realmente se formou e o jogo engrenou. Isso me lembrava de quando Robbie e eu encenávamos nossos próprios jogos de aventura durante a infância.

Lembrei-me de quando cheguei ao centro comunitário no primeiro ano, focada apenas em cumprir minhas horas de voluntariado e depois ir para casa. Mas, toda vez que eu vinha, acabava ficando cada vez mais tempo, pensando em novos programas que gostaria de ter tido quando era mais jovem. E, quando criei coragem para sugerir um projeto, lembro-me da enorme onda de orgulho que senti quando Cora disse que a ideia era genial. Fiquei encantada pelas crianças e admirava Cora Nelson, a mulher que administrava sozinha o centro comunitário.

Fui para a ampla sala de jogos que utilizamos para cuidar das crianças mais novas. A TV estava ligada em um canto, mas ninguém estava realmente assistindo. Localizei duas das minhas pessoas favoritas do centro comunitário, Tia e Jackson, no canto mais distante, perto de uma pequena estante.

— Elena! — chamou Jackson quando me viu. O menino de 4 anos acenou tanto com o braço que tive medo que ele caísse do colo de Tia. Seu cabelo castanho caía sobre os brilhantes olhos azuis, que tinha herdado da mãe. — Elena, Elena, Elena, Elena, Elena, adivinha só!

O cabelo loiro de Tia estava preso em um rabo de cavalo frouxo, com alguns fios se soltando, e ela estendeu a mão distraidamente para colocá-los atrás da orelha enquanto sorria para mim. Ela era alta e magra (o tipo de magreza com que minha mãe lidaria com um estalar de língua e um prato de comida) e parecia jovem o suficiente para estar em um campus universitário.

— Graças a Deus que você veio, tô precisando fazer xixi desde que chegamos — disse Tia, transferindo Jackson para o meu colo assim que me sentei.

— E aí, Jack-Jack? — perguntei.

— Eu sei ler! — exclamou ele.

— Ah, é mesmo? — falei, meu olhar encontrando o de Tia enquanto ela se levantava.

Tia apenas riu e chacoalhou os ombros:

— O que posso dizer? Tô criando um gênio.

— Olha só! — disse Jackson, abrindo um livro.

Eu me inclinei um pouco, e ele começou a contar a história e virar as páginas. E foi uma recitação palavra por palavra. Eu teria caído no truque, só que ele acidentalmente começou a “ler” na folha de rosto e sempre estava uma página atrasado. Ainda assim, o garoto era esperto por ter memorizado o livro inteiro, e, quando terminou, bati palmas, dando o devido crédito.

Jackson riu e olhou para cima; então seus olhos se arregalaram, e ele deu um pulo.

— Mamãe? — chamou. — Mamãe! — gritou, girando pela sala.

— Ei, Jack-Jack, tá tudo bem. Ela só foi ao banheiro — falei, tentando pegar sua mão. Mas ele se desvencilhou, lágrimas se acumulando em seus olhos.

Tia voltou correndo, pegando Jackson nos braços.

— Oi, amor, tá tudo bem. Mamãe tá aqui.

Jackson deu pequenos soluços tristes enquanto Tia suspirava.

— Ele tá com ansiedade de separação desde que assumi o turno da noite no mês passado. Seus professores da pré-escola disseram que isso pode acontecer quando os horários mudam.

Assenti com a cabeça, sentindo uma dor no coração ao ver o rosto de Jackson molhado de lágrimas.

— Ei — falei, fazendo uma voz animada para distraí-lo. — Ouvi dizer que o aniversário de alguém tá chegando.

Um sorriso iluminou o rosto dele:

— Sim!

— De quem será que é? — perguntei, acariciando meu queixo e fingindo pensar.

— Meu — gritou Jackson, levantando a mão. — É o meu.

— Ah, é mesmo? — Sorri com seu entusiasmo contagiante. — O que você quer de aniversário? Cosquinha?

Cutuquei suas costelas, e ele caiu na gargalhada, contorcendo-se até cair no chão.

— Não é isso? — perguntei, fingindo pensar mais um pouco. Então, tive uma ideia. — Sabe, quando eu era pequena, meu melhor amigo e eu costumávamos conceder desejos um ao outro no aniversário. Você ia gostar?

Os olhos de Jackson se arregalaram.

— Sim — disse, apressado. — O que posso pedir?

— Qualquer coisa. — Dei de ombros. — É só pensar no que você quer.

— Tá bom. — Ele sorriu. — Eu quero um livro!

— Sério? — Senti um grande orgulho, esse garoto estava conquistando meu coração de nerd.

— Sim! Um *livro bem grande*. — Ele esticou os braços ao máximo para ilustrar o tamanho.

— Feito. Por que agora você não procura outro livro para ler para mim, amigão? — perguntei.

Jackson se levantou e foi até a prateleira, examinando muito seriamente suas escolhas.

— Você se dá tão bem com ele. — Tia sorriu. — Tenho sorte de ter você cuidando dele. Esses turnos noturnos seriam um inferno se eu não tivesse um lugar seguro para deixar o Jackson.

Qualquer felicidade que esse elogio teria me proporcionado desapareceu quando imaginei o que aconteceria se o centro comunitário fechasse. Os serviços de babá à tarde e à noite não eram só para as crianças. Eram para pais como Tia, que, quando precisavam trabalhar até tarde,